

PALAVRAS E IMAGENS PARA PENSAR SOBRE E TENTAR DIZER O INDIZÍVEL, O NÃO DITO E O INTERDITO EM MUSEUS.

Girlene Chagas Bulhões¹

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG)

Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)

RESUMO COM GOSTO DE PRÓLOGO: Eis-me aqui mais uma vez. Que honra e que prazer! Ainda ancorada nos conceitos e referências bibliográficas do *As louças de vovó...* (BULHÕES, 2016) e em mais alguns e algumas que aparecerão mais adiante, continuo me “explicando pra te confundir e (...) te confundindo pra te esclarecer”². Para mim, ter a chance de tentar explicar melhor o que antes disse, mesmo que em meio a uma certa confusão que persiste, é como se um raio tivesse caído duas vezes no mesmo lugar, à minha frente.

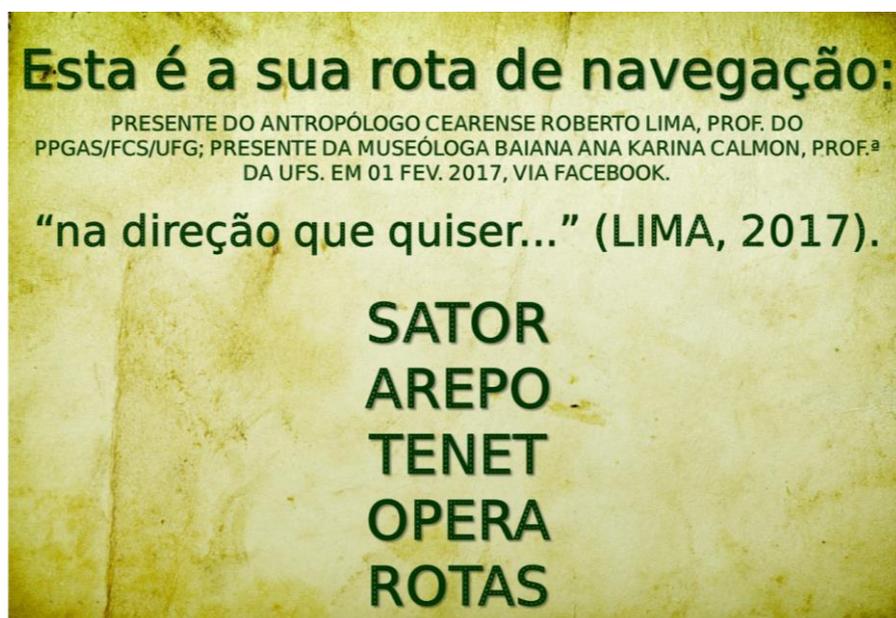
Pouco tempo passou de lá até cá, mas algumas coisas mudaram. Sobre elas, falarei no decorrer deste texto. A novidade que agora quero contar é que dessa vez venho com um povo dos mais lindos! Como se o raio caído à minha frente tivesse revelado o pote de ouro no final do arco-íris, venho com parte da gente citada no texto anterior, que aceitou o convite feito para também mexer nessa panela, trazendo seus temperos e colheres: Ana Karina Rocha, Clóvis Carvalho Brito, Deolinda Taveira e Simone Rosa, Girlene Ferreira, Ivan Santtana, Jean Baptista e Tony Boita, Luzia Gomes, Marcelle Pereira, Sílvia Durá e Vânia Brayner. Pessoas queridas, convidadas a estarem aqui não por isso. Mas por serem super competentes no que fazem, militantes da afetividade na Museologia, comprometidas em dizer o que costuma não ser dito em grande parte dos espaços museais. Tudo isso vocês, caras leitoras e leitores, verão a seguir, em seus escritos tão cheios das verdades dos seus afetos, da vida de suas vidas.

¹ Continuo a mesma, com pequeníssimas mudanças: museóloga formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); especialista em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania pelo Núcleo de Direitos Humanos (NDH)/Universidade Federal de Goiás (UFG); mestranda do Programa Interdisciplinar em Performances Culturais/UFG, onde brevemente defenderei a dissertação *Museus para o Esquecimento: seletividade e memórias silenciadas nas performances museais*; bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG); servidora pública licenciada do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM); integrante do Museu Sociofamiliar dos Gostos Afetivos (MUSGO), sou e vivo pelas beiras. Nasci em Salvador-BA, atualmente moro em Goiás-GO. E-mail: girlenebulhoes@gmail.com. E-mail do Musgo: musgoafetoeufratrimonio@gmail.com.

² Referência à nota de rodapé n. 24, do *As louças de vovó...* (BULHÕES, 2016, p. 30).

Contar com esse luxuoso acompanhamento é como se tivesse conseguido fazer os carinhos do carrinho do sorvete e da bicicleta da pamonha me ouvirem e pararem, ao mesmo tempo. Uma festa, quase indizível! Com muita riqueza, de pensamentos e sentimentos. Alimento. O motivo da festa, o buxixo gerado pelo *As louças...* Teve quem gostou, teve quem não gostou. Muita gente comentou. Sinal que muita gente se afetou. E isso nos fez acreditar que seria bacana continuarmos a conversa, seguirmos abrindo essa picada na estrada do afeto, do fratrímônio e do rizoma no mundo dos museus e da Museologia. Ainda há tanto a ser dito sobre isso...

Desta vez, ao contrário da primeira, na qual o texto veio como uma corredeira de rio solto, escrevo quebradinho, como fosse um chão de pedras por debaixo desse rio. O separei por verbetes, como se fosse um glossário, sugerido e inconcluso, no qual cada conjunto de palavras fosse uma esquina e cada palavra um pedaço de pão deixado por Maria em sua passagem pela floresta, pistas que vão abrindo linhas de fuga, dando margem a novos atravessamentos; um caminho possível para uma Museologia afetiva sociofratrimonial rizomática, sem medo das controvérsias nem de tentar dizer o indizível, o não-dito e o interdito nos museus.





Minha vida, que parece muito calma
Tem segredos que eu não posso revelar
Escondidos bem no fundo de minh'alma
Não transparecem nem sequer no meu (em um) olhar

Vive sempre conversando à sós comigo
Uma voz que eu escuto com fervor
Escolheu meu coração pra seu abrigo
E dele fez um roseiral em flor

A ninguém revelarei o meu segredo
E nem direi quem é o meu amor

(*Doce Mistério da Vida*, Victor Herbert/Versão Alberto Ribeiro, CD
Maria Bethânia e Caetano Veloso ao vivo, 2011-2006)

PALAVRAS E IMAGENS PARA PENSAR SOBRE E TENTAR DIZER O INDIZÍVEL, O NÃO DITO E O INTERDITO EM MUSEUS.

Girlene Chagas Bulhões

CONTROVÉRSIA, INDIZÍVEL, NÃO-DITO, INTERDITO:

Vamo combinar que juntar a controvérsia com a indizibilidade na panela do museu talvez não tenha sido uma boa ideia. Não é a controvérsia o indizível em museus. Indizível em museus é (ou deveria ser) a decapitação das histórias controversas; a mentira e a pós-verdade³; a seletividade, o preconceito e a arrogância; a subserviência. É (ou deveria ser) o museu se arvorar a dizer que haverá histórias indizíveis e quais serão elas. Ou concordar com quem assim diz.

Que nos museus há muitos não-ditos e interditos, muito silenciamento, isso já foi dito. Estamos há décadas falando mal disso. E falaremos ainda mais e cada vez mais alto enquanto nos calarem seletivamente. O que não é dito e o interdito são portas que a gente tem que arrombar, faz tempo que estamos dizendo e tentando isso. “É nosso dever e nossa salvação”⁴. Mas o indizível, também há? É sobretudo sobre ele que quero aqui falar.

Essa palavra, “indizível”, causou uma grita quase geral. “Como assim??? Querem nos calar! Tudo que há pode e deve ser dito pelos museus!!!”. Mas quero aqui discordar. A meu ver, a julgar pelo que nos dizem os dicionários, creio que sim, há: “Indizível: adjetivo de dois gêneros. 1. que não pode e/ou não deve ser traduzido em palavras; intraduzível. 2. que foge ao esperado, ao comum; extraordinário, incomum.” (HOUAISS, 2007, p. 1607).

Para além das histórias que imperceptivelmente lhes escorrem pelos cachos de suas cabeleiras de Medusa (já sabemos que é impossível para o museu abarcar tudo, né?) e daquilo que deliberadamente escondem – controvérsias, preferências, preconceitos – há coisas que os museus não podem e/ou não devem dizer, como as

³ Eleita palavra do ano de 2016 pela Oxford Dictionaries, a pós-verdade é descrita por essa mesma instituição como: “relativo ou referente a circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais.” (Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html?rel=mas. Acesso em: 20 abr. 2017).

⁴ Resposta da Oração Eucarística VI-C, integrante da missa da Igreja Católica Apostólica Romana.

ditas no primeiro parágrafo acima. Assim como há coisas que escapam do que lhes é comum, que lhes são inesperadas, extraordinárias.

“Ah, mas há tanta palavra no mundo que talvez não haja nada que não possa ser dito! Mesmo o inesperado, o extraordinário, a controvérsia podem ser ditas. Em qualquer lugar, principalmente nos museus, nada é indizível, sempre há palavra que nos sirva”.

Será que há mesmo?

O koan zen nos pergunta qual é o som de duas mãos não se encontrando. O senso-comum nos faz uma pergunta: quando um ou uma das cônjuges morre deixa a outra viúva ou viúvo. Filhas e filhos ficam órfãs quando seus pais ou mães morrem. Como é mesmo que se chama o pai ou a mãe que perdem filhas ou filhos? Até onde sei, essa é uma dor ainda indizível, pelo menos no linguajar brasileiro. Assim como para esse som e essa dor, para tantas outras nos faltam palavras. As que temos, por vezes são insuficientes para dizer sobre certos afetos.

Por isso tentamos nos expressar pela arte, por imagens visuais, sonoras ou cinestésicas, que nos tocam o coração, sede dos afetos indizíveis. Nesse quesito, os museus têm sim a vantagem de ter a liberdade de trabalhar com a arte, de não ter amarras que lhe impeçam de falar por imagens. Pelo contrário, recheamos nossas exposições com elas, na tentativa de dizermos o indizível. Mas por vezes, na ânsia de dizer, matamos a mariposa.

Se você realmente quiser ver as asas de uma mariposa, primeiro você tem que matá-la e logo colocá-la em uma vitrina. Uma vez morta, e só então, você pode contemplá-la tranquilamente. Mas se você quer conservar a vida, que afinal é o mais interessante, só verá as asas fugazmente, em muito pouco tempo, um abrir e fechar de olhos. Isto é a imagem. A imagem é uma mariposa. Uma imagem é algo que vive e que só nos mostra sua capacidade de verdade em um flash. (DIDI-HUBERMAN, 2007, p. 19).

Seja templo, que apenas quer dizer; seja fórum, que também quer ouvir; não pense o museu que o mais importante é ter vitrines elegantes, correta e atrativamente iluminadas e climatizadas para que preservemos e comuniquemos as memórias das asas de uma mariposa. Esta, será uma memória morta, num museu que morreu. Lembro-me nesse instante do Museu de Arte Sacra da Boa Morte (Goiás-GO), do Museu de Arte Sacra de Paraty (RJ) e do Museu de São Bento (Salvador-BA), no qual trabalhei. Neles, algumas de suas peças em algumas

ocasiões saem de seus mostruários e voltam à vida, em procissões e outros eventos litúrgicos. Ao fazerem isso, nesses flashes, eles estão a nos dizer que conservar a materialidade da peça importa sim. Mas mais importante que isso é a vida que brota de cada objeto. E vidas não deveriam ser congeladas num passado eterno que não conversa com o presente, que não se projeta pro futuro.

Museus têm mesmo a liberdade de se valerem das imagens que borbulham nos objetos para os trazerem de volta à vida e também, de vez em quando, descer do salto e dar uma pinta na pista. Mas ainda que estejam atentos à necessidade de serem máquinas que nos trazem de volta para o futuro⁵, não devem esquecer que essas suas peças são memórias de vidas. E vidas, além de serem atualizadas em seus espaços, têm que ser respeitadas. E para isso, nem tudo pode ser dito.

A museóloga Ana Karina Rocha em seu texto nos diz que num estágio que foi o seu “trabalho mais feliz”, foi escolhido pela equipe técnica da qual ela fazia parte nada dizer sobre alguns “itens do universo mais íntimo deles”, o casal que estava tendo as suas memórias musealizadas. A meu ver, uma decisão acertada e respeitosa pois há certas intimidades que merecem ser preservadas, não-ditas. Mesmo no espaço onde todas as memórias devem estar, onde devem ser guardadas e reveladas, alguma coisa ainda há que se velar. Não por pudor ou medo da controvérsia, mas por respeito à memória d@s que se foram. E também porque há coisas que simplesmente não se consegue dizer.

Afinal, “mistério sempre há de pintar por aí”⁶...

AFETOS, AFETAR E COMO EU ME AFETEI:

Procurei escrupulosamente não rir, não chorar, nem detestar as ações humanas, mas entendê-las. Assim, não encarei os afetos humanos, como são o amor, o ódio, a ira, a inveja, a glória, a misericórdia e as restantes comoções do ânimo, como vícios da natureza humana, mas como propriedades que lhe pertencem (...) embora sejam incômodos, são contudo necessários e têm causas certas mediante as quais tentamos entender sua natureza. (Espinosa, Tratado Político, cap 1, §1).

⁵ Referência ao filme norte-americano *De volta para o futuro* (1985).

⁶ Frase da música *Esotérico*, de Gilberto Gil, lançada no álbum *Um Banda Um* (1982).

Sobre o afeto e o afetar devo dizer que nem tudo são flores. Assim como o amor, a glória, a solidariedade, a misericórdia e a alegria, também o ódio, a ira, a inveja, a tristeza e todas as demais “comoções do ânimo” são afetos, são formas de nos afetar. Formas de nos a-fetar, nos fazer não-fetos, conforme minha livre interpretação da palavra. Formas de romper nossas bolsas e nos fazer parir a nós mesm@s. E já que o tema é mesmo controvérsia, acho bom ir logo dizendo que os afetos despertados pelo *As louças...*, motivador destes escritos de agora, nem sempre foram aqueles que a gente se acostumou a chamar de “bons”.

Mesmo eu tendo dito bem dito que tudo o que ali estava sendo dito era “só um jeito de corpo, não precisa ninguém me acompanhar”⁷, em meio a uma chuva de carinho, houve também choro e ranger de dentes, xingamentos feitos à minha pessoa, acusações de que eu imito escritores famosos da Museologia, silêncio e afastamento. Algumas carinhosamente citadas e citados nos ignoraram solenemente, outras e outros foram embora batendo portas. Teve quem pedisse esclarecimentos como se estivesse exigindo “vistas do processo”, teve quem nunca respondesse às nossas respostas a esses pedidos. Todas e todos no seu direito! De boa, mesmo!!!⁸

Mas apesar de compreender e aceitar, com algumas e alguns banquei a Caetano e gritei: “Vocês não estão entendendo nada, nada, nada! Absolutamente nada!”⁹. Com outras e outros fiz a Zé Ramalho: “se calei foi de tristeza...”¹⁰. Não adiantou gritar nem calar... Tenho a impressão que nenhuma delas, nenhum deles, me ouviu. Nem o som dito nem o som não-dito...

Passado o susto, achei bom! El@s me afetaram. Me fizeram ver que deveria ter me explicado melhor explicado, ter dito o que disse de uma forma mais acertada. Me fizeram pensar mais e com maior atenção, ver os buracos que deixei, as minhas “contradições, fissões, confusões” (não foi isso que escrevi¹¹?). Uma das mais importantes que percebi foi uma super fissura nas minhas proposituras: no *As louças...* falo sobre a desimportância dos nomes próprios, sobre o foco em toda a frátria ao invés da mira no indivíduo. No entanto, ao mencionar uma das BASIs a

⁷ Referência n. 53, do *As louças de vovó...* (BULHÕES, 2016, p. 51).

⁸ Referência ao “Deboísmo”, neologismo citado no *As louças...* (BULHÕES, 2016, p. 51).

⁹ Trecho do discurso *É proibido proibir*, feito por Caetano Veloso durante a terceira edição do *Festival Internacional da Canção*, da TV Globo, em 1968. Disponível em: <https://efemeridesdoefemello.com/2013/09/15/o-discurso-de-caetano-no-festival-internacional-da-cancao/>. Acesso em: 03 fev. 2017.

¹⁰ Frase da música *Avôhai*, de Zé Ramalho, lançada em seu álbum homônimo, de 1978.

¹¹ Referência n. 51, do *As louças de vovó...* (BULHÕES, 2016, p. 51).

indiquei nominando uma pessoa. Não vou agora tentar explicar a história dessa rachadura. Vejam com seus próprios olhos! Vou mostrar o antes e o depois, o equivocado e o corrigido.

Onde se lê, nas páginas 46 e 47 (BULHÕES, 2016):

Assim como Luiz Suruí:

BASI IndBR999: LUIZ SURUÍ: Luiz Weymilawa Suruí, nascido em Cacoal-RO em 1987, professor indígena, foi um dos vencedores da edição de 2016 do concurso nacional Educador Nota 10, organizado pela Fundação Victor Civita, com o projeto *Lap Gup: Nossa casa, nosso lar*, assim resumido:

Leia-se:

Assim como o projeto *Lap Gup: Nossa casa, nosso lar*:

BASI IndBR999: LAP GUP: NOSSA CASA, NOSSO LAR: projeto criado por Luiz Weymilawa Suruí, professor indígena, nascido em Cacoal-RO em 1987, um dos vencedores da edição de 2016 do concurso nacional Educador Nota 10, organizado pela Fundação Victor Civita, com o projeto *Lap Gup: Nossa casa, nosso lar*, assim resumido:

É isso o que mais importa! O que estamos fazendo e não nossos nomes próprios. O que mais vale é a obra que sai de nossas mãos, e não elas próprias. Além disso, como afirmar que é individual o que sai de nós, que somos sujeit@s coletiv@s? Já dizia o poeta que “toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de outras tantas pessoas”¹², né mesmo? Obrigada por terem feito eu acordar pra essa falha, na moral¹³! Não somente por isso mas por tudo o mais, este texto é uma tentativa de recomeçarmos o diálogo interrompido. Mas antes preciso dizer:

Quer ir embora, vai, adeus, bye-bye
Quando você me quiser
Estarei no Ilê, já não te quero mais

Até chorar chorei, não pude suportar
Ao ver se acabar todo amor que eu te dei
E pra curar, então, meu pobre coração
Eu vou sair no Ilê
Vou me esquecer de você no meio da multidão

¹² Frase da música *Caminhos do Coração*, de Gonzaguinha, lançada no álbum *Caminhos do Coração* (1982).

¹³ Expressão sociofamiliar bastante presente em Salvador-BA, traduzida por LARIÚ (2012) como “numa boa; vá lá... (Painho, me dê um dinheirinho aí, na moral)”.

Eu vou com o negro mais lindo
Desfilar na avenida e te matar de paixão

(trechos da música *Adeus, bye-bye*, composição de Jucy Pita, Chico Santana e Guiguio, lançada no álbum *Ilê Aiyê 25 anos*, de 1999).

Eu e o Musgo já nos jogamos no meio da multidão, com o povo mais lindo, cheias e cheios de paixão: todas as amigas e amigos, incluindo tu, que aqui estão a nos prestigiar com as suas leituras e escrituras. Mas apesar de todo afeto por vocês, devo mesmo confessar que este é um texto também para @s que se ofenderam e me ofenderam. É a minha resposta não-dita, a tentativa de refazer a resposta maldita. Mas, claro, que não é apenas isso.

É também uma celebração ao debate sem medo da discordância (pelo contrário, gostando dela) e uma confraternização com aqueles e aquelas, escritor@s e leitor@s, que aceitaram o convite pra continuarmos conversando sobre o assunto, trazendo pra roda suas convergências e divergências acerca do patrimônio, do fratrimônio, do Musgo, das suas e de outras experiências museais, das controvérsias, ditos, não-ditos e interditos nos museus,

Ao final, este texto é pra todos e todas nós, @s presentes e @s ausentes! É uma forma, um pouco menos bagunçada mas certamente novamente eivada de brechas e equívocos, de continuarmos a conversa sobre as controvérsias museais, de tentarmos dizer algo sobre esse extraordinário que mora dentro da gente e se manifesta quando a gente menos espera, inclusive nos museus e em seus assuntos e terrenos afetos, inclusive entre a gente.

Sim, porque mesmo acreditando que neles há coisas que são indizíveis, como a amada intimidade de um casal que se ama, os sons não emitidos e as palavras inexistentes, acredito que nos espaços museais, dado o seu compromisso com a memória, há que se sugeri-las, deixando as pistas. Há que se tentar, ao menos, fazer pensar sobre elas.

E como tentar dizer esse indizível que tanto os habita quanto nos habita? Talvez, um pouco nos afastando, porque além de algumas das telas expostas em nossas paredes, tem coisas que de longe a gente enxerga melhor; porque às vezes, de longe a gente se enxerga melhor; talvez, olhando com um olhar estrangeiro que busca tradução, “alguma rua que (...) dê sentido”¹⁴ para o que a gente, agentes dos

¹⁴ Trecho da música *Socorro*, de Arnaldo Antunes, lançada no álbum *Um Som*, de 1998.

museus, sentimos em relação às memórias que expomos. E para o que sugerem as memórias que devemos expor; talvez, nos aproximando com poesia, que é uma tentativa de transformar a palavra em arte, imagem e sentimento.

Certamente, nos afetando. Buscando o afeto e o afetar.

OLHAR ESTRANGEIRO, TRADUÇÃO, POESIA:

Back In Bahia

Lá em Londres, vez em quando me sentia longe daqui
Vez em quando, quando me sentia longe, dava por mim, puxando o
cabelo, nervoso, querendo ouvir Celly Campelo pra não cair naquela
fossa em que vi um camarada meu de Portobello cair
Naquela falta de juízo que eu não tinha nem uma razão pra curtir
Naquela ausência de calor, de cor, de sal, de sol, de coração pra
sentir tanta saudade preservada num velho baú de prata dentro de
mim
Digo num baú de prata porque prata é a luz do luar
Do luar que tanta falta me fazia junto com o mar
Mar da Bahia, cujo verde vez em quando me fazia bem relembrar
[Cujo verde vez em quando me fazia bem não lembrar]
Tão diferente do verde também tão lindo dos gramados campos de lá
Ilha do norte, onde não sei se por sorte ou por castigo dei de parar
por algum tempo que afinal passou depressa, como tudo tem de
passar
Hoje eu me sinto como se ter ido fosse necessário para voltar, tanto
mais vivo, de vida mais vivida, dividida pra lá e pra cá

(música de Gilberto Gil, lançada no álbum *Expresso 2222*, de 1972)

FRÁTRIA, LAÇO FRATERNAL, FRATERNIDADE:

Fratria era em Atenas, uma associação de cidadãos, unidos pela comunidade de sacrifícios e repastos religiosos, formando uma divisão política. Após Solon (séc. VI a.C.), uma *Fratria* era composta de trinta famílias e cada *Tribo* de três *Fratrias*. Desse modo, como Atenas estava dividida em quatro *Tribos*, havia doze *Fratrias* e trezentas e sessenta famílias. (BRANDÃO, 1999, vol. III, p. 29).

Fratria (phratria) segundo o Dicionário Aurélio (2010), significa conjunto de irmãos, confraria ou outro agrupamento. Benghozi e Feres-Carneiro (2001) entendem a fratria numa perspectiva psicanalítica de laço (ou vínculo), isto é, todos os laços psíquicos de filiação, laço real, consanguíneo, ou de afiliação, que abrange

qualquer vínculo de pertencimento a um grupo, comunidade ou instituição.

Berenstein, I. (2009) define o laço fraterno como uma conexão estável entre duas ou mais pessoas que lhes permite ser e fazer diferente do que se estivessem sozinhas ou se relacionando com outro sujeito.

Conforme o Dicionário Aurélio (2010), o adjetivo fraterno significa: de ou próprio de irmão, fraternal, como de irmãos; afetuoso; íntimo. E fraternidade, segundo o mesmo dicionário, se refere ao parentesco entre irmãos ou relação de união como a que existe entre irmãos, afeto, amor ou carinho entre irmãos, comungar das mesmas ideias, harmonia, concórdia, convivência amigável entre pessoas, comunidades. (WIEHE, 2016).

Melhor que tentar explicar, é exemplificar. Para isso, precisamos falar sobre MC Beijinho: MC Beijinho é o nome artístico de Ítalo Gonçalves, baiano de 19 anos. Em 18 de novembro de 2016, Ítalo foi preso por três policiais, por roubar dois celulares na orla de Salvador, utilizando uma faca. Na viatura, começou a cantar *Me libera, nega*, música que havia composto há três anos. Um dos policiais o mandou se calar, mas outro telefonou para um dos programas sensacionalistas de uma TV local, avisando sobre a prisão. Quando o carro chegou ao pátio da delegacia, ao se abrir o porta-malas onde Ítalo estava, o repórter estava a postos. Diante do microfone, Mc Beijinho não titubeou, ignorou o escárnio e pôs-se a cantar o que se tornaria um dos maiores hits do carnaval baiano desse ano. Dois dias depois, Ítalo foi solto. Afetados por sua história, importantes nomes da música baiana passaram a acompanhar de perto e a orientar a sua carreira musical. A banda Olodum e Caetano Veloso cantaram publicamente *Me libera, nega*, que fechou a semana de 20 de janeiro de 2017 como uma das cinco músicas mais tocadas nas rádios de Salvador¹⁵. Até maio deste ano, o seu clipe oficial foi visto mais de sete milhões de vezes. Em abril, Mc Beijinho lançou uma nova música, *Ó pra isso*, com clipe gravado no Pelourinho¹⁶, no qual, além da presença de Negra Jhò, famosa e importante militante da beleza negra na cidade, é repetida a participação de Aline Nepomuceno, atriz baiana destaque no seriado *Ó Paí Ó*, da TV Globo, exibido entre outubro de 2008 e dezembro de 2009, que já havia participado do clipe de *Me libera, nega*.

É sobre isso que nos fala o refrão do capoeira que nos diz ter ido aprender a ler pra ensinar seus camarás (BULHÕES, 2016, p. 31). Do policial que avisou ao

¹⁵ Informações disponíveis em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1853701-mc-beijinho-saiu-da-delegacia-para-o-topo-das-paradas-com-me-libera-nega.shtml>. Acesso em 03 fev. 2017.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f4qkmwMb-qA>. Acesso em: 02 maio 2017.

repórter ao mano Caetano, é isso o que acontece quando a frátria se levanta em prol de uma ou de um de seus manos ou manas.

PATRIMÔNIO, MATRIMÔNIO, FRATRIMÔNIO:

Muito Romântico

Não tenho nada com isso nem vem falar
Eu não consigo entender sua lógica
Minha palavra cantada pode espantar
E a seus ouvidos parecer exótica

Mas acontece que eu não posso me deixar
Levar por um papo que já não deu, não deu
Acho que nada restou pra guardar ou levar
Do muito ou pouco que houve entre você e eu

Nenhuma força virá me fazer calar
Faço no tempo soar minha sílaba
Canto somente o que pede pra se cantar
Sou o que soa eu não douro pílula

Tudo o que eu quero é um acorde perfeito maior
Com todo o mundo podendo brilhar num cântico
Canto somente o que não pode mais se calar
Noutras palavras sou muito romântico

(música de Caetano Veloso, feita para Roberto Carlos, gravada pelo mesmo em 1977 e pelo autor, em 1978, no álbum *Muito - Dentro da Estrela Azulada*)

Apesar de tantas vezes não ter nada com ele e por vezes não entender nem aceitar a sua lógica, não nego que o patrimônio faz parte do museu nem proponho a sua destruição. Afinal, ao menos segundo essa versão da história, as musas foram criadas para celebrar a vitória de Zeus:

Após a derrota dos Titãs, os deuses pediram a Zeus que criasse divindades capazes de cantar condignamente a grande vitória dos Olímpicos. Zeus partilhou o leito de Mnemósina durante nove noites consecutivas e, no tempo devido, nasceram as nove Musas. (BRANDÃO, 1999, vol I, p. 203).

Sobre Zeus, o onipotente e onipresente pai do patrimônio, quero despertar atenção para um fato: ele somente sobreviveu porque se salvou de ser devorado pelo seu pai, Crono:

(...) depois que se tornou senhor do mundo, Crono converteu-se num tirano pior que seu pai Urano. Não se contentou em lançar no Tártaro a seus irmãos, os Ciclopes e os Hecatonquiros, porque os temia, mas, após a admoestação de Úrano e Géia de que seria destronado por um dos seus filhos, passou a engoli-los, tão logo nasciam. Escapou tão somente o caçula, Zeus: grávida deste último, Réia refugiou-se na ilha de Creta, no monte Dicta ou Ida, segundo outros, e lá, secretamente, deu à luz o futuro pai dos deuses e dos homens, que foi, logo depois, escondido por Géia nas profundezas de um antro inacessível, nos flancos do monte Egéon (BRANDÃO, 1999, vol I, p. 332).

Mas mesmo assim, no seu vocabulário faltou uma das nossas palavras da moda: sororidade. Mesmo sendo ele um sobrevivente de um devoramento, Zeus não se furtou a engolir:

Foi a conselho de Urano e Géia que Zeus engoliu Métis, sua primeira esposa, que dele estava grávida, pois, segundo o primeiro casal primordial, se Métis tivesse uma filha e depois um filho, este arrebataria do pai o supremo poder¹⁷ (BRANDÃO, 1999, vol II, p. 24).

Apesar de ter permitido que Mnemósine, mãe das musas e personificação da memória, se tornasse a principal matéria-prima dos museus, nos espaços museais Zeus engoliu a memória construída a partir das diversas deusas e mortais com as quais contraiu hierogamias, casamentos sagrados, ou matrimônios.

¹⁷ Filha deste casamento e nascida da cabeça de Zeus, Atena é a deusa que “preside as artes, à literatura e à filosofia de modo particular, à música e a toda e qualquer atividade do espírito.” ((BRANDÃO, 1999, vol II, p. 27), territórios das musas.



Página da Cartografia Afetiva Sociofratrimonial Rizomática *das Musas ao Musgo: matrimônio, patrimônio, fratrimônio, afeto, rizoma.*

Assim como com o patrimônio, também não nego o matrimônio, a herança do poder matriarcal, no cerne dos museus. Nem me alegro com o seu silenciamento, primeiro tema tratado pelas minhas amigas goianas Deolinda Taveira, conservadora, e Simone Rosa, pedagoga, no texto de título certo, *Museu também é lugar do diferente*. “O ‘ocultamento’ do papel da mulher na vida pública e na política porque a sua performance está submetida a ser a alma feminina por detrás do homem poderoso, carismático, político, senhor do Museu”, nos dizem elas, referindo-se a um dos museus sobre o qual falam nesse texto.

O que minha palavra cantada, que a muitos ouvidos pode parecer exótica, quer dizer é que apesar do pai e da mãe, nem só de patrimônio ou matrimônio vivem (ou deveriam viver) os espaços museais. Morada das musas, sendo elas irmãs, o museu também se alimenta da herança fraterna, circular, afetiva, construída por elas, entre elas: o fratrimônio, palavra que apesar de quase nunca dita, quase sempre é expressa nas imagens que as retratam.



Apolo e as musas, óleo sobre madeira, Peruzzi, 1523. http://pt.wahooart.com/@_@/8XZT6M-Baldassare-Peruzzi-apollo%60-e-o-musas. Acesso em: 12 mar. 2017.



Atenea junto a las musas, óleo sobre tela, Frans Floris, c. 1560. Disponível em: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2010/12/mnemosine-e-as-musas.html>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Em minhas pesquisas até o momento, as únicas referências que encontrei ao termo *fratrimônio* o relaciona a casamentos homoafetivos: “Matrimonio es la unión heterosexual baseada en la madre; *fratrimonio* es la unión homossexual baseada en

la hermandad; y patrimonio es la unión bancaria basada en la padre/padrón del dinero.” (ORTIZ-OSÉS, 2016, p. 345). No universo museal, nada havia encontrado até que minha xará de nome e profissão, a museóloga cachoeirense Girlene Ferreira, no texto aqui publicado me presenteou com a referência que encontrou: uma menção feita pela arquiteta Claudia Storino e pelo museólogo Mario Chagas, no texto *Museu, Patrimônio e Cidade: camadas de sentido em Paraty*, no qual el@s levantam a hipótese de “um fratrimônio, ou de uma herança criativa, produzida e partilhada aqui e agora, insubmissa aos dispositivos de captura acionados pela lógica mercantilista.” (CHAGAS, STORINO, 2014, p. 83).

Simone e Deo começam o texto delas nos deixando tont@s com a história de um objeto museal de malas prontas pra deixar o museu. O que estou aqui a dizer é que também estamos de malas prontas pra deixar o museu patrimonial e o museu matrimonial, que nos trazem suas heranças congeladas no passado, vindas a partir de um mais velho ou de uma mais velha que se encontra ou é colocad@ em um degrau acima de nós. Estamos no ponto pra abraçar o fratrimônio, uma dança ancorada no presente, com olhos no porvir; uma conjuminância entre gente de todos os tempos, iguais e diferentes; a gente do museu que também é lugar do diferente.

Uma pessoa convidada a participar dessa nossa prosa, dentre outras alegações para negar a sua presença na conversa me disse, quase literalmente: “sabe porque eu não vou escrever sobre isso? Eu não concordo com o fratrimônio, não acredito nele. Pra mim, ele é uma utopia!”. Sim, ele é. “Dizem que sou louco por pensar assim. Mais louco é quem me diz que não é feliz”¹⁸, mais louco é quem não tem uma utopia, quem faz das condições do momento uma condenação, quem não tem a coragem de acreditar no sonho, quem se cala, cruza os braços ou apenas esperneia feito criança mimada, ante o silenciamento seletivo dos museus.

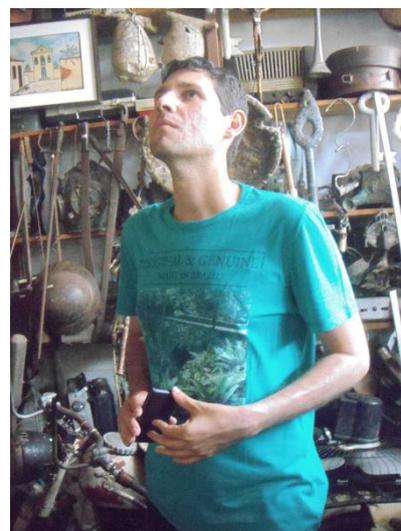
Mas apesar desse manifestado estranhamento, certamente não apenas dessa pessoa, e da supremacia de Zeus, não há de ser difícil trocar o pa de patrimônio pelo fra de fratrimônio. Afinal, nosso povo está acostumado a isto: Cráudia, Cróvis, Créber, Creonice. Framengo, Fruminense, Atrético... É assim que muitas e muitos de nós falamos. E não pensem ser cacoépia, uma pronúncia errada. Às vezes trocar o l por r faz parte da nossa ortoépia. A isso ou o contrário (a troca do r pelo l), a gramática chama de rotacismo. Não há de ser difícil trocar o pai do

¹⁸ Frase da música *Balado do Louco*, de Rita Lee e Arnaldo Baptista, lançada pelos *Mutantes*, no álbum *Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets*, de 1972.

patrimônio pelo irmão do fratrimônio, afinal grande parte dos nossos lares não tão doces são abandonados pelos nossos pais e são nossas irmãs e irmãos mais velh@s que assumem seus lugares. Não há de ser difícil trocar a pátria do patrimônio pela frátria do fratrimônio, afinal essa pátria tantas vezes nos nega direitos, tantas vezes nos mata um pouco, literal e metaforicamente, todos os dias, em seus museus e em outras instituições. Não há de ser difícil trocar a paternidade impositiva do patrimônio pela fraternidade conquistada no fratrimônio.

Como dito antes, a proposta do fratrimônio, uma memória afetiva e fraterna, construída sem hierarquizações ou imposições do pai ou da mãe, feita com o aqui e o agora, não é a proposta da depreciação ou o aniquilamento do patrimônio vindo de Zeus ou do silenciado matrimônio de Mnemósine. O que o fratrimônio propõe é uma mudança de perspectiva: a necessidade máxima de nosso sim, a tomada das rédeas da situação pelas mãos que “amassam a massa da mandioca”, como diz uma poética citação trazida por Girlene Ferreira. Uma massa que, ainda que por vezes seja iletrada nas letras do alfabeto ou nas letras da Museologia não se furta a saciar seu desejo de memória, uma massa que dispensa a autorização do patrimônio e cria por si só espaços sociofratrimoniais, rizomáticos, de preservação e comunicação de suas memórias afetivas.

Em *As louças de vovó...* trouxe como exemplos de performances museais afetivas sociofratrimoniais rizomáticas as experiências do Museu Casa da Princesa, em Pilar de Goiás-GO, e do Museu do Dhjair, no Mercado Municipal de Goiás-GO.



Dona Carmen, viúva de Dhjair, e Michel Duarte Ferraz, museólogo pernambucano, criador do projeto *Defensores do Patrimônio*. Museu do Dhjair, Mercado Municipal de Goiás-GO. Fotos: Musgo, nov/2014.

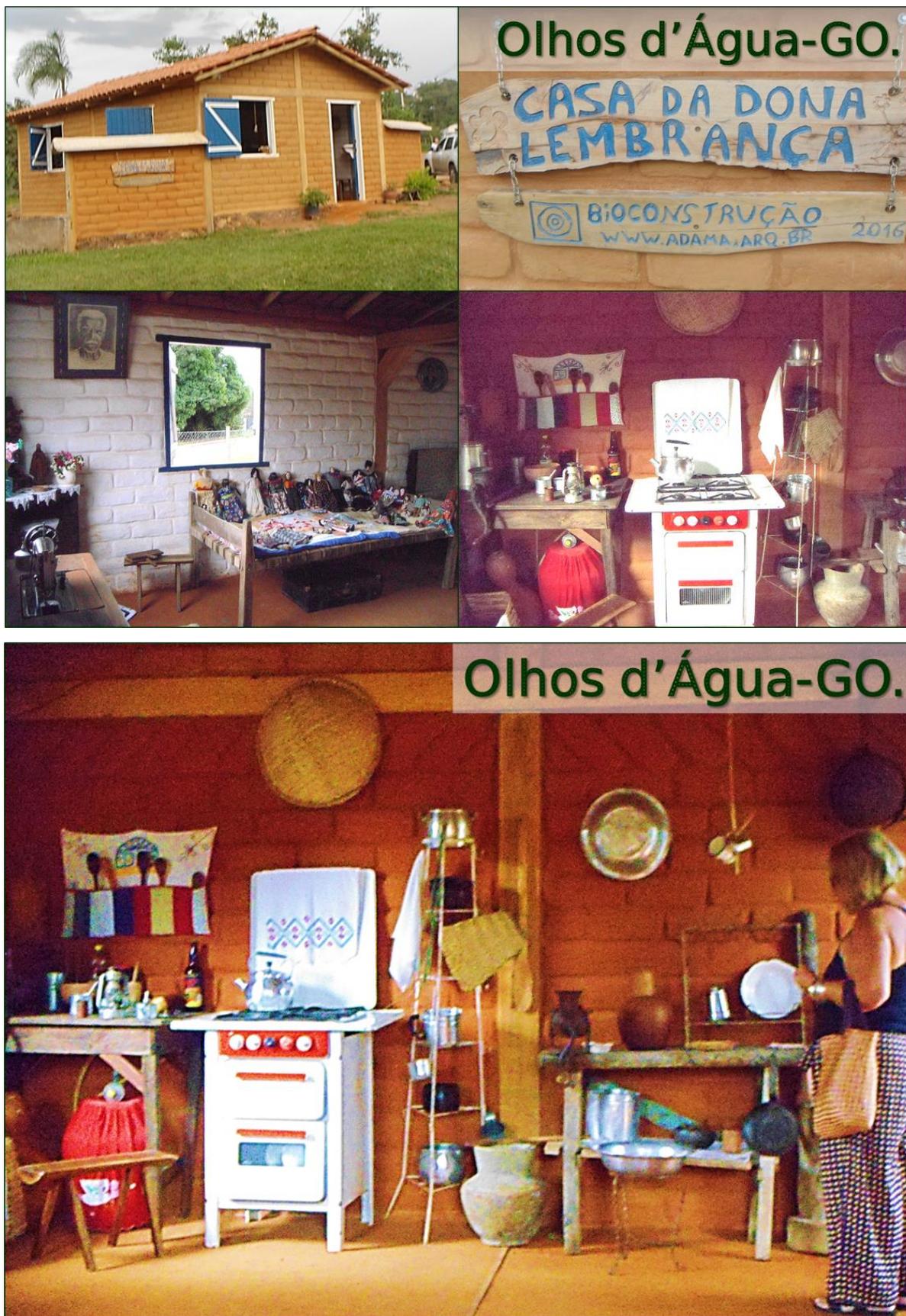
Neste mesmo Mercado, uma outra iniciativa surgida onde menos se espera, infelizmente também não mais existente:



Página da Cartografia Afetiva Sociofratrimonial Rizomática *das Musas ao Musgo: matrimônio, patrimônio, fratrimônio, afeto, rizoma.*

Agora trago, deste mesmo Estado de Goiás, uma experiência talvez ainda mais instigante: Olhos d'Água é um povoado de Alexânia, cidade localizada a 115km de Brasília. Nele é realizada a Feira do Troça, evento que já vai para a sua 89ª edição, realizado desde 1974 duas vezes por ano, nas primeiras semanas de junho e dezembro. Com cerca de mil habitantes, nessas ocasiões o povoado chega a receber cerca de oito mil visitantes. Lá não tem transporte público, agências bancárias ou caixas eletrônicos, fábricas ou grandes empresas. A internet não funciona muito bem e são poucas as opções de hospedagem e alimentação para turistas. Nova queridinha d@s endinheirad@s da capital do país, incomodad@s com a superlotação turística de Pirenópolis, em Olhos d'Água também não há nenhum órgão oficial de proteção ao patrimônio ou à memória. Mas apesar disso, duas

performances museais que considero afetivas sociofratrimoniais rizomáticas, independentes, nascidas do e mantidas pelo genuíno desejo de memória do povo:





Páginas da Cartografia Afetiva Sociofratrimonial Rizomática das Musas ao Musgo: matrimônio, patrimônio, fratrimônio, afeto, rizoma.

Olhos d'Água não só se joga no fratrimônio como também deliberadamente ignora o patrimônio. Como indica o painel explicativo da entrada do Bar Museu, no meio da praça em frente ao museu, passava a linha do Tratado de Tordesilhas, que dividia as terras brasileiras entre Portugal e Espanha, conforme descoberta feita pelo eco-historiador goiano-cerratenense, Paulo Bertran (2000, p. 153-154). Há alguns anos, amig@s de Paulo, cientes da importância dessa descoberta e ao mesmo tempo querendo lhe prestar uma homenagem, confeccionaram uma placa alusiva ao Tratado para ser doada ao povoado. Pois bem, o povoado não quis. Simplesmente ignorou a oferta, não se mobilizou em nada para ela fosse concretizada. Mesmo a custo zero, dispensou aquilo que, ainda que recheado de boas intenções, não tinha partido dele mesmo, não tinha sido construído a partir dele, com os cidadãos e as cidadãs da sua fratria. Ousaria dizer que Olhos d'Água é uma cidade na qual o patrimônio não se cria, o fratrimônio tomou o seu lugar.

RIZOMA, PERFORMANCE MUSEAL RIZOMÁTICA E SOBRE TER UM TEMA:

Outra das críticas que mais me afetaram veio nesses termos: “você não tem um tema! Pensei que falávamos a mesma língua, que tínhamos uma militância em comum. Mas não, você fala sobre tudo, sobre negr@s, indígenas, mulheres, queers, LGBTs. Não tem um foco. Não é sério o seu trabalho!”. Considero que não ter foco não é problema algum. Assim é o rizoma, sem focos, apenas pontos de partida. Eu que desde a época da faculdade sonhava com um museu que não tivesse objetos, hoje vejo que é mesmo verdade o que nos disse Oiticica: “Museu é o mundo; é a experiência cotidiana” (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA ITAÚ CULTURAL, 1986, p. 79). Mesmo um único museu é o mundo inteiro, nele cabem todos os objetos, todos os temas, todos os focos, a depender apenas do enfoque do momento.

Na vida sou passageiro. Eu sou também motorista. Fui trocador, motorneiro, antes de ascensorista. Tenho dom pra costureiro, para datiloscopista. Com queda pra macumbeiro, talento pra adventista. Agora sou mensageiro, além de paraquedista. Às vezes mezo engenheiro, mezo psicanalista. Trejeito de batuqueiro, a veia de repentista. Já fui peão boiadeiro, fui até tropicalista. Outrora fui bom goleiro, hoje sou equilibrista. De dia sou cozinheiro, à noite sou

massagista. Sou galo no meu terreiro, nos outros abaixo a crista. Me calo feito mineiro. No mais, vida de artista.

(*Vida de artista*, música de Itamar Assumpção, lançada no LP *Pretobrás: por que que eu não pensei nisso antes*, de 1988).

Mas, como não tenho um tema? Tenho sim! Falo sobre uma única coisa, o tempo inteiro. Falo sobre como os museus costumam tratar as memórias subalternizadas; sobre como nós, trabalhadoras e trabalhadores de museus, lidamos e como podemos vir a lidar com as controvérsias e histórias tornadas indizíveis nos espaços museais. Falo sobre o museu, a partir da perspectiva do rizoma: “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança.” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 37). Em meio a toda mistura, o que digo é que pobres, negras, indígenas, ciganas, mulheres, LGBTs, tod@s @s queers, discriminad@s e subalternizad@s de toda sorte, precisamos nos aliar, nos dar as mãos, afinal não estamos sozin@s, somos tratad@s da mesma forma pelos museus tradicionais patrimonialistas. Estamos tod@s no mesmo poço da escada, sobre o qual nos fala Bhabha (1998, p. 22).

IMAGENS PARA AJUDAR A PENSAR RIZOMAS:



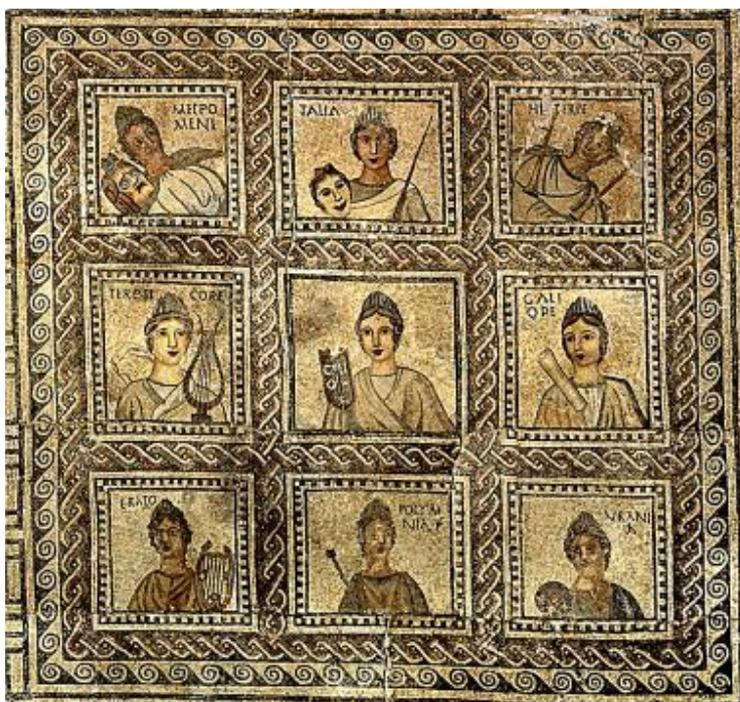
Arte: Yann Houri. Disponível em:

https://corpomtransito.files.wordpress.com/2015/11/yann_houri_2.jpg. Acesso em: 27 fev. 2017.



Elke Maravilha, na década de 1970. Foto: David Drew Zingg/Acervo Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/45206-elke-maravilha#foto-623911>. Acesso em: 28 fev. 2017.

MUSAS, MUSEU, MUSEOLOGIA AFETIVA, SOCIOFRATRIMONIAL, RIZOMÁTICA E TERAPÊUTICA:



Embora em Hesíodo já apareçam as nove Musas, esse número variava muito, até que na época clássica seu número, nomes e funções se fixaram: *Calíope* preside à poesia épica; *Clio*, à história; *Polímnia*, à retórica; *Euterpe*, à música; *Terspsícore*, à dança; *Érato*, à lírica coral; *Melpômene*, à tragédia; *Tália*, à comédia; *Urânia*, à astronomia.

(BRANDÃO, 1999, vol I, p. 203).

Disponível em:
<http://domuspompeiana.com/imagens/musasmoncada.jpg>.
Acesso em: 22 mar. 2017.

Página da Cartografia Afetiva Sociofratrimonial Rizomática das Musas ao Musgo: matrimônio, patrimônio, fratrimônio, afeto, rizoma.

Apesar do silenciado matrimônio e da onipresente onipotência de Zeus com o seu patrimônio, no qual reinam disputas e ordenações, do alto da minha ousadia, digo e repito: o museu, em sua matriz, em sua essência, em seu âmago (se é possível dizermos que há algo assim) é sobretudo afetivo, fratrimonial e rizomático.

(...) em grego *Mûsa*, talvez se relacione com **men*, “fixar o espírito sobre uma ideia, uma arte”, e, neste caso, o vocábulo poderia ser cotejado com o verbo *manthánein*, aprender. À mesma família etimológica de *Musa* pertencem música (o que concerne às Musas) e *museu* (templo das Musas, local onde elas residem ou onde alguém se adentra nas artes). (BRANDÃO, 1999, vol I, p. 202).

Se seguirmos a trilha que nos diz que ele é o templo das Musas, a ligação familiar existente entre elas, e a natureza e multiplicidade de suas funções e formas atestam que fazem parte de sua matriz o afeto, o laço fraterno, a fraternidade, a frátria, o fratrímônio, o rizoma. Mas essa não é a nossa única pista. Museu é também o filho de Orfeu, que por sua vez é filho da musa Calíope com o deus Apolo (ou com o rei Eagro, conforme algumas versões do mito).

Poeta e músico, Museu é considerado um dos fundadores da escola órfica e a ele são atribuídos oráculos, hinos, uma Titanomaquia e um Hino a Deméter. Criado pelas ninfas e com local de nascimento incerto (Atenas, Trácia ou Elêusis), presidiu aos mistérios de Elêusis, tendo, por este motivo, seu nome associado a esta cidade. Morreu de velhice e foi enterrado no local chamado de Museu, um morro oposto à Acrópole, em Atenas. (COLLI, Giorgio. 1977).



Ainda que sigamos o caminho de museu como templo do filho de Selene, a personificação da lua, com Orfeu (e, portanto, neto da musa Calíope, não nos esqueçamos), a ligação familiar existente entre el@s, a história da sua criação pelas ninfas, e a natureza e multiplicidade de suas funções continuam atestando que fazem parte de sua matriz o afeto, o laço fraterno, a fraternidade, a frátria, o fratrimônio, o rizoma.

Mas não para por aí. Considero que além de afetivo, sociofratrimonial e rizomático, o museu é também terapêutico: “Afortunado é aquele a quem as Musas amam, doce é a voz que flui de sua boca.”, canta Homero, no seu Hino 25, *Às Musas*. “(...) as Musas são apenas as cantoras divinas, cujos coros e hinos **alegram o coração de Zeus e de todos os Imortais**” ((BRANDÃO, 1999, vol I, p. 203, grifo meu).

Ah, que alegria e que satisfação nos encontrar nos museus... Não é à toa que as netas e bisnetas de Vovó gostam tanto de ver suas louças neles expostas. É reconfortante, nos traz uma sensação de segurança termos um espaço para lembrar das nossas memórias familiares e afetivas. Tão reconfortante que na Antroposofia, filosofia criada no início do século 20, por Rudolf Steiner, pensador húngaro, existe a chamada *Terapia Biográfica*, criada para ajudar @s participantes a desbloquear suas memórias, a fim de aumentar o autoconhecimento necessário à cura:

“Tomar a vida em suas próprias mãos” é como é definido o trabalho biográfico, por Gudrun Burkhard, sua criadora. Para isso é necessário cada um conhecer a sua história de vida, a sua biografia. Muitas vezes conhecemos biografias de pessoas famosas e não a nossa própria; outras vezes, através da psicanálise, conhecemos partes difíceis da nossa biografia, mas perdemos a visão do todo. Na biografia atravessamos paisagens ensolaradas, outras mais escuras, encontramos na nossa caminhada pessoas que foram importantes para nós. Olhando para toda essa paisagem de vida, descobrimos que tudo está num contexto maior, e dentro de leis cósmicas maiores que determinam certos ritmos na nossa biografia e começamos a compreender o todo, e o significado maior de nossa missão.

No trabalho biográfico, caminhamos do passado para o presente, para a partir daí direcionarmos o nosso futuro, não nos deixando “levar” pela vida, mas direcionando essa vida com as rédeas mais firmes na mão e com perspectivas mais amplas. (Disponível em: <http://associacaobiografica.org.br/aconselhores-biograficos/>. Acesso em: 30 abr. 2017).

MUSGO E SUAS CARTOGRAFIAS; MUSEÓLOG@S, NÃO-MUSEÓLOG@S E SUAS ALEOTRIAS; METAMUSEOLOGIA:

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

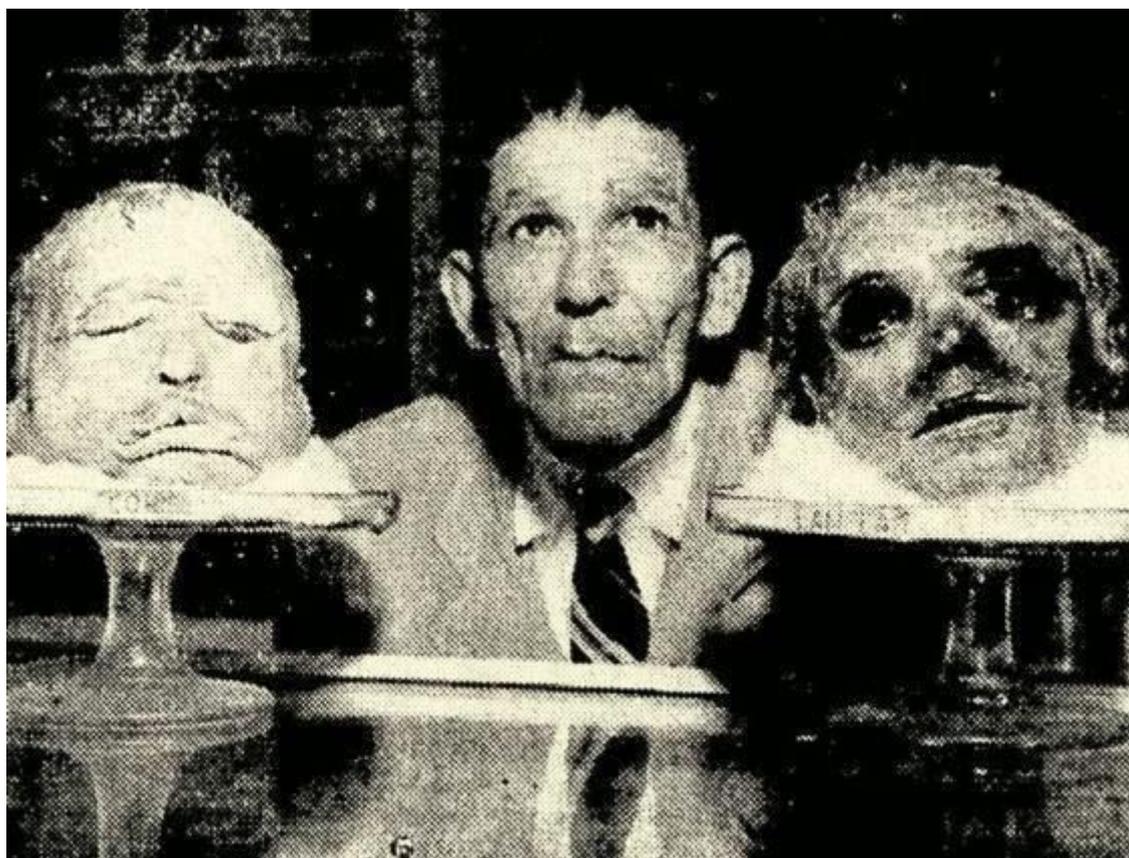
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens
presentes,
a vida presente.

(Carlos Drummond de Andrade, publicado em *Sentimento do Mundo*, de 1940)

Em meio às críticas ouvidas, um elogio com gosto de ironia que muito me afetou: “parabéns, você foi muito corajosa! Expos sua vida pessoal, seus parentes”. Não, não, não. Não era de mim, da minha vida pessoal e parentes, da minha família, amig@s e conhecid@s, que eu falava. Em meus escritos e com as coisas do Musgo não é sobre mim e meu universo particular que eu falo! A partir del@s, falo sobre um grupo da Museologia brasileira e sobre uma comunidade que vem da diáspora africana, que vem da beira do Recôncavo Baiano, da beira do Dique do Tororó; falo de gente presente e importante para a história, sociedade, cultura e memória de Salvador, da Bahia, do Brasil. Falo de um povo cuja memória importa! Falo porque eu sei. Sei porque sou museóloga, porque sou filha, neta, bisneta e tataraneta del@s, porque sou el@s!

Por que sou museóloga, filha, neta, bisneta e tataraneta del@s, porque sou el@s não posso, não devo falar sobre el@s? Mas eu tenho que, eu devo! Porque, para que os museus consigam dizer sobre nós, eles precisam de nós, dos nossos registros. Ou vocês esqueceram que, por um ou outro motivo, mandaram queimar

nossos arquivos¹⁹? Ou vocês esqueceram que nossos batuques, semba, samba, candomblé, capoeira, até outro dia eram proibidos por lei (STECK, 2013)?! Ou vocês esqueceram que até outro dia nossos objetos de culto destruídos pela polícia, junto com nossas cabeças decepadas apenas ornavam bizarros museus?



Cabeças de cangaceiros do bando de Lampião, expostas no Museu Etnográfico e Antropológico do Instituto Nina Rodrigues, então localizado no prédio da antiga Faculdade de Medicina, na Praça da Sé, Salvador-BA. Disponível em: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/2014/08/2-morada-de-corisco-depois-de-morto.html>. Acesso em: 30 abr. 2017.

Em grande parte dos espaços museais nossas cabeças continuam sendo decepadas, as louças de nossas avós é que são tratadas como o prato de estanho do garimpeiro e a escarradeira de vovó. Por que me envergonhar delas, porque me furtar a mostrar as lembranças que eu tenho? Essa memória não é somente minha, é maior que eu. É ancestralidade. Mostrá-las é dizer que não são nossas as histórias controversas. É dizer que eu gosto delas, me orgulho delas como as netas e netos de vovó se orgulham das suas louças expostas, iluminadas e incensadas nos grandes museus.

¹⁹ Então Ministro da Fazenda, o jurista baiano Rui Barbosa (1849/1923) mandou queimar todos documentos relativos à escravidão, existentes no Ministério, em 14 de dezembro de 1890.

Por que, sendo nós mesmas protagonistas de variadas histórias em nossas trajetórias museais, nos furtamos a registrar essas lembranças afetivas museológicas, construídas sociofratrimonialmente entre nós e nossos pares, a cada hoje que vivemos? É a tal “neutralidade científica” que nos impede? Ela não existe, fia... não existe, fio...

Prestem atenção às notas de rodapé de Ana Karina. É puro afeto, Museologia afetiva. É um subtexto, um texto embaixo de um texto, uma linha de fuga que se abre num rizoma, Museologia rizomática. Em *As louças de vovó...* falei que há no Musgo uma metalinguagem: “memórias das memórias d@ amig@ d@ amig@ d@ amig@. (...) memórias ligadas a intensidades e atravessamentos entre profissionais e performances do campo dos museus e da Museologia: afetos, pessoas, bens, coleções, acervos, eventos, instituições.” (BULHÕES, 2016, p. 36). No subtexto de Ana Kaká também há um registro da memória da memória, de lembranças de museólogas e museólogos, gente que registra e comunica memórias, em nossos atravessamentos e entrelaçamentos enquanto vivemos as nossas vidas e fazemos nossos trabalhos, meta-Museologia.

Nos faltam tantas coisas em nossos exercícios profissionais... Até hoje não temos um sindicato, em quantos museus nos é pago o piso salarial sugerido para a categoria? Há museus para quase tudo, onde está o museu da Museologia ou o museu do museu? Por que não registrarmos histórias por nós vividas, por que não usarmos nossos corpos museais a favor da memória da nossa profissão e das memórias não-ditas e interditas nos museus, como fez e faz a museóloga carioca Marcelle Pereira, nunca cansada para levar a Museologia em que acredita onde quer que haja gente? Marcelle nessa edição da revista nos conta um pouco sobre o seu trabalho no âmbito do programa de extensão universitária na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), onde ela atualmente labuta como professora, sendo esquina para tantos encontros como o que nos proporcionou na XVII Conferência Internacional do MINOM, em Nazaré, comunidade ribeirinha do rio Madeira. Será que nossos conhecimentos técnicos só podem ou devem ser usados para memórias alheias às nossas? Será que apenas os devemos usar quando nos pagam por isso? Dinheiro é bom e todo mundo gosta, todo mundo precisa! Mas dinheiro não é tudo e nossos saberes valem mais que os salários que possam nos pagar. O poder é nosso! Está no que sabemos! Façamos a revolução nós mesmas e mesmos!

Nem que para isso seja preciso expor nossos corpos nus, como audaciosa, política e belamente fez e faz a poeta e museóloga baiana Luzia Gomes, Luluza Luz que pra mim somente agora se acendeu, graças ao intermédio de Vânia Brayner. Luzia não tem medo, como vocês verão logo mais, em seu rico texto, de dizer o indizível nos museus, a partir de seus afetos, da pele que ela habita e da qual não se descola. Deliciem-se com a beleza e o poder dessas imagens feitas por Maíra Zenun com a "belezura baphônica", militante, feminina, feminista e negra de Luz Luluza Luzia em seu banho de rosas das Yabás! Uma lindeza mesmo!



Fotos do ensaio fotográfico *ballet das águas rosas* (2016), de Maíra Zenun a partir de Performance de Luzia Gomes. Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/issue/view/1292/showToc>.

Façamos como fizeram o museólogo goiano Tony Boita e seu marido, o historiador gaúcho Jean Baptista, que não tiveram medo ou preguiça e botaram seu bloco na rua: como uma de suas “estratégias de superação de fobias à diversidade sexual no Brasil”, parte do título do texto que os dois assinam aqui, criaram o projeto e revista *Memória LGBT*, um marco na história museal dessa parte da população brasileira.

Lançada em 2013, a Revista Memória LGBT – RMLGBT, é um periódico digital colaborativo e gratuito. Possui o Número Internacional para Publicações Seriadas - ISSN (International Standard Serial Number) 2318-6275. Você poderá enviar contribuições através do e-mail revista@memorialgbt.com.

(Disponível em: <http://www.memorialgbt.com/revistas>).

Revista Memória LGBT
Ano 1 N° 1 - Outubro / Novembro 2013
ISSN 2318-6275

ENTRE AS MULHERES, EU SOU NEGRA, ENTRE AS NEGRAS, EU SOU LÉSBICA -
Treyce Ellen Goulart

HISTÓRIA DA ÁFRICA E A QUESTÃO LGBT:
UMA RESISTÊNCIA AO PENSAMENTO EURO
CÊNTRICO NAS ESCOLAS E NOS MUSEUS -
JADSON LUIZ SOUZA SILVA

Madame Satã
Material Especial
Entrevista realizada pelo Pasquim em 1971

Transgredindo Gênero: A Travesti entre a urbe e o espaço social
Carla Brito Sousa Ribeiro

Núcleo de Estudos e Pesquisas - Projetos de Extensão -
Trabalhos Apresentados - Trans Day NIGS 2013
Julia Moura Godinho

REVISTA Memória LGBT
www.memorialgbt.com

VISIBILIDADE TRANS NOS MUSEUS E ESPAÇOS DE MEMÓRIA

Renata Peron #MusaDoSamba
Marcala Ohio #MusaMiss
MC XuXu #MusaDoFunk

#NossasMusas
EXPOSIÇÃO

MUSEU TRAVESTI: UM ÍCONE DA MUSEOLOGIA LGBT

Relatório revela:
Transmulheresnegras são as maiores vítimas da transfobia no Brasil

Safira Bengell e a adoção legal do nome feminino

Beth Fernandes e a primeira Casa de Passagem Trans do Brasil

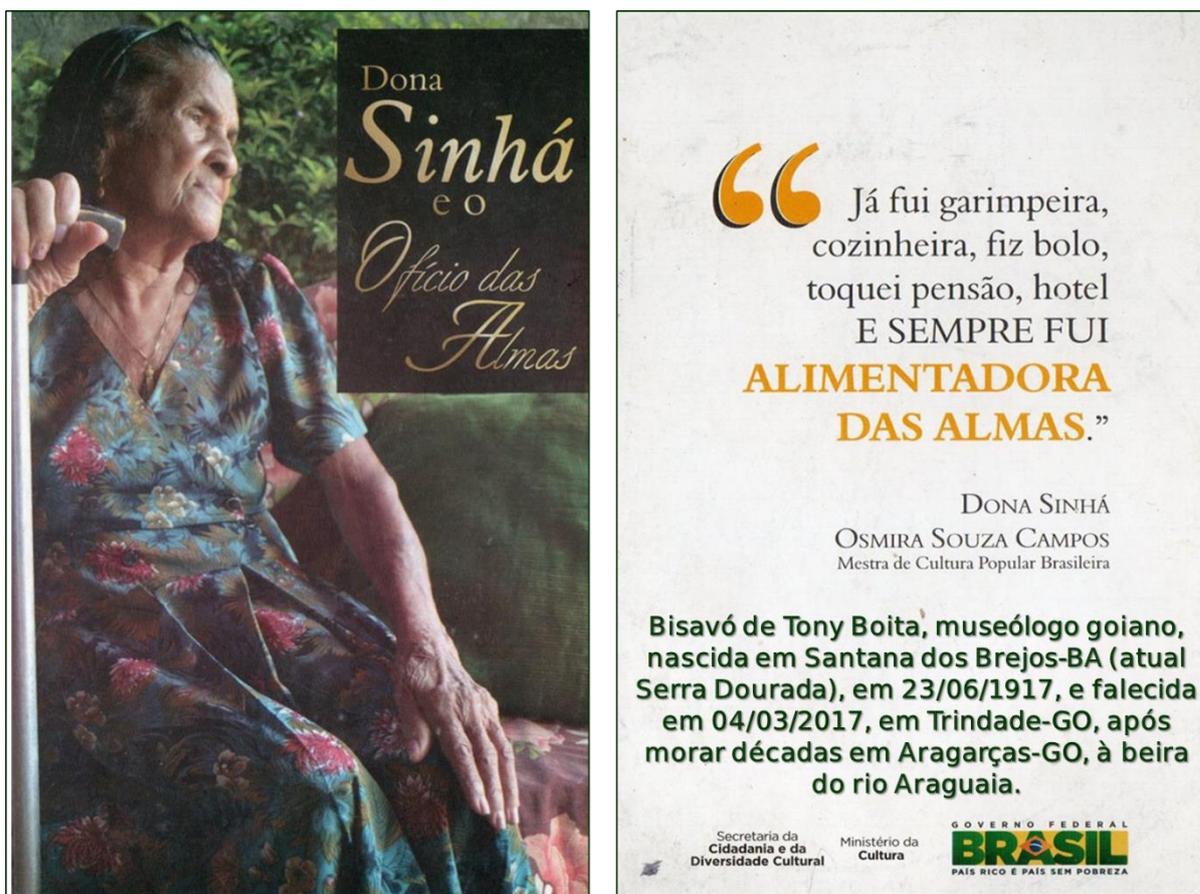
Cintia Gonçalves conta tudo sobre o Fórum Mundial de Direitos Humanos

Miguel Marques conversa sobre a página @HomensTranssexuais

E MUITO MAIS...

Página da Cartografia Afetiva Sociofratrimonial Rizomática BAFHOS: Bens Afetivos Fratrimoniais Homoeróticos e Outras Sexualidades.

Façamos como Tony que, cômico do poder de cura e da riqueza de suas lembranças afetivas familiares e da importância de guardá-las não apenas para ele e seus parentes mas para uma comunidade inteira, não se fingiu de morta, colocou o seu corpo museal a favor da preservação e comunicação dessa memória no belo projeto *Mulheres do Vale Araguaia*, criado a partir de Dona Sinhá, sua bisavó e dinda de muitas afilhadas e afilhados, baiana como eu, nascida em 23 de junho como eu.



The image shows two related visual elements. On the left is the cover of a book titled "Dona Sinhá e o Ofício das Almas". The cover features a photograph of an elderly woman, Dona Sinhá, sitting outdoors and holding a walking stick. She is wearing a colorful, patterned dress. The title is written in a stylized, elegant font. On the right is a poster with a white background. It features a large orange quotation mark at the top left, followed by the text: "Já fui garimpeira, cozinheira, fiz bolo, toquei pensão, hotel E SEMPRE FUI ALIMENTADORA DAS ALMAS." Below this, the name "DONA SINHÁ OSMIRA SOUZA CAMPOS" is written, along with her title "Mestra de Cultura Popular Brasileira". At the bottom of the poster, there is a green text block providing biographical information: "Bisavó de Tony Boita, museólogo goiano, nascida em Santana dos Brejos-BA (atual Serra Dourada), em 23/06/1917, e falecida em 04/03/2017, em Trindade-GO, após morar décadas em Aragarças-GO, à beira do rio Araguaia." At the very bottom of the poster, there are logos for the "Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural", the "Ministério da Cultura", and the "GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA".

Página da Cartografia Afetiva Sociofratrimonial Rizomática *das Musas ao Musgo: matrimônio, patrimônio, fratrimônio, afeto, rizoma*.

Façamos como o museólogo baiano Valdemar de Assis, professor do curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que mesmo num meio tão superficial e efêmero quanto pode ser uma rede social como o Facebook, não se acanhou em fazer o registro de lembranças afetivas que não dizem respeito apenas a ele, mas também a uma comunidade inteira, incluindo a comunidade museológica baiana. Vejam que riqueza e que lindeza de relato:

Feed de Notícias

[Valdemar de Assis](#) 😊 sentindo-se encantado em [Feira De Sao Joaquim](#).
3 h · [Salvador, Bahia](#) ·



Na Feira de São Joaquim, um dos repositórios da minha alma, fui adquirir alguns elementos do meu acervo afrobrasileiro que tanto me faz falta.

Em meio a inúmeros, deliciosos e inefáveis bens culturais identitários que constituem a feira, reencontrei a queridíssima Dona Rosa. Que maravilha! Horas de conversa em frente à sua banca de ervas e temperos - que me faziam revisitar as mais saudosas memórias da infância, na casa da avó Zezé, na viagem a Irará (meu primeiro contato com o mundo do campo)...

Como foi feliz esse reencontro com essa senhora mulher, trabalhadora negra, brasileira. Mulher negra guerreira que, com coragem, integridade e firmeza, luta e resiste - como tantas outras Rosas - aos espinhos do capital especulativo e as forças políticas à serviço da morte, que lança invectivas contra as liberdades e os direitos humanos.

Foi feliz rever Dona Rosa e aquela gentileza característica das pessoas de espírito perfumado. Dona Rosa, solícita, comunicativa...

"Você quer semente de coentro, meu nego? Ali vende! Tá vendo aquela barraquinha que tem alho? Pois, ali, do lado, tem um casa de tempero que vende um mundo de coisa! Mas, você tem que vir mais cedo, viu, meu amor?..."

A Dona Rosa representa a força política e poética da Feira de São Joaquim.

É mais, muito mais do que uma inspiração: é um exemplo de dignidade humana!

Dona Rosa com sua alegria guerreira, com sua sabedoria de Griô, encheu meu coração de uma saudade feliz do tempo em que trabalhamos (quase que diuturnamente) no GT Sociocultural do Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim onde, aos poucos, a cada visita técnica, a cada desconstrução de preconceitos, a cada entrevista com feirantes, a cada delicioso almoço no Restaurante da Dadá ou no maravilhosamente saboroso Restaurante Valenciano (comandado pelo "Vermelho"), se nos foi revelando a potência educativo-cultural daquele lugar eivado de símbolos e signos identitários. Aprendemos que essa feira farta, diversificada e colorida é, em si mesma, um bem cultural e que sustenta outros tantos bens culturais de diferentes naturezas.

Ali em pé, em frente à sua banca de hortaliças, Dona Rosa me fez lembrar da Chimamanda Adichie, da Hannah Arendt, do Walter Benjamin, do Lev Vygotsky, da Cecília Meireles, do Franz Fanon. Estavam todxs lá, na feira. Estavam todxs em Dona Rosa. Dona Rosa estava em todxs elxs.

Fez bem pra minha "saúde cultural" ir à Feira de São Joaquim.

Fez um bem enorme!

Como é bom se (re)encontrar nas pessoas e lugares! Como é profícuo! ...

"A vida é a arte do encontro...", disse Vinícius.

E eu, que sou um poeta incomensuravelmente menor, digo: Que bom encontrar Dona Rosa!



Amigo de longas datas, a última vez que estive pessoalmente com Valdemar foi em Salvador, nessa mesma Feira de São Joaquim. Depois de zanzarmos na Feira todinha, debaixo de um sol da pêga, pelos becos até lá atrás, na beira do mangue, onde ficam uns menino escondido fumando, onde antes brincavam os menino de areia do Amado capitão Jorge²⁰, almoçamos no “maravilhosamente saboroso Restaurante Valenciano”. Estávamos eu, ele e Isabela Souza, mais uma museóloga baiana, coincidentemente também aqui mencionada, no texto de Ana Karina no qual é feita uma breve apresentação dessa que é também uma amiga de longas datas, tanto minha quanto de Vavá e Ana Kaká. @s três trabalharam junt@s, na época da criação e implantação da Política Nacional de Museus. Eu, Vavá e Bela, trabalhamos à mesma época, em unidades diferentes, no Ibram. Ana Karina e Isabela têm filhas quase bebês. Não as conheço pessoalmente mas acompanho os seus crescimentos pelas redes sociais, onde suas mães fazem constantes relatos sobre elas. Por meio deles, sei que uma das melhores amigas de Sofia, filha de minha Bela Juquinha, é Lavínia, prima dela, e que tem um dia na semana, na escola de Maria Alice, filha de Karina, que tem banho de mangueira, que a menina adora.

Talvez sem perceber e certamente sem essa intenção, essas minhas amigas museólogas, da mesma forma que fez esse meu amigo museólogo com a Feira de São Joaquim e Dona Rosa, estão registrando, preservando e comunicando memórias, as suas próprias memórias afetivas, memórias que permeiam as memórias museais. O que nos impede de darmos à elas o tratamento museológico que sabemos dar? Elas são tão importantes quanto as outras, as que nos pagam para preservar.

Por que não usarmos nossos saberes quando até pessoas que não são da nossa área profissional, usam seus conhecimentos a favor dos seus desejos de memória? Como fizeram @s envolvid@s nas experiências sociofratrimoniais mencionadas ao longo deste texto. Como faz Silvia Durá, educadora argentina que, “egresada de la Facultad de Ciencias Naturales y Museo, Universidad Nacional de la Plata” tanto fez e tanto faz pelos museus do seu pedaço, em “una suerte de viaje por experiencias motivadoras con fuerte anclaje comunitário”, como diz em seu afetivo e rizomático texto *“Nada de historias lineales. Un museo en 4 dimensiones. Historias de feministas refugiadas en el último estante de una vitrina. Dispositivos*

²⁰ Referência ao livro *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, escrito em 1937.

comunicacionales para entrar en contacto. La fantástica, la educación popular, el buen vivir nos inspiran. Experiencias con huellas, con y sin final feliz”.

Como faz a amiga Vânia Brayner, jornalista pernambucana autora do comovente relato sobre Tempo, sobre o Memorial Mokambo Kisimbîê, do Terreiro Mokambo Onzó Nguzo za Nkisi Dandalunda ye Tempo (Salvador-BA), e sobre o museólogo Mario Moutinho (BULHÕES, 2016, p. 38-39); a antropóloga que, movida pelos seus desejos de memória, por meio do doutorado na Universidade Lusófona buscou se instrumentalizar com os nossos instrumentos, busca que levou ao nosso encontro em Nazaré, lugar de acender memórias, tema do seu leve, forte e belo texto nesta revista, *Retratos da memória acesa em Nazaré: o MINOM e a busca pelo Bem Viver*.

Mesma coisa que fez o amigo paulista Luiz Fernando Mizukami, administrador de empresas, mestre pelo Programa Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (USP), que em seu afetivo texto, pronto para um próximo número da *Ventilando Acervos* pois desta vez problemas de saúde o impediram de continuar escrevendo por mais que tentasse, nos traz histórias da mitologia egípcia, para falar de memórias e resistências. Mesma coisa que fizeram @s amiga@s goian@s Deolinda e Simone, que também buscaram mestrados em nossa área, e Clóvis Britto, advogado, historiador, que depois de pós-doutor foi fazer o Mestrado em Museologia na UFBA, no qual foi aprovado mais que com louvor, defendendo o sertão, a poesia e o cangaço, na alquimia que fez entre Cora Coralina, Maria Bonita e seus museus, na dissertação *Gramática expositiva das coisas: a poética alquímica dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita*. Clóvis, tantas vezes citado em *As louças...*, agora vem com seu texto, também afetivo e rizomático, “*Serve para o desuso pessoal de cada um*”: *as louças de vovó, os cacos para um vitral e o indizível em museus e na Museologia*, no qual junta a poesia de Manoel de Barros à poesia de Cora.

Façamos como faz Ivan Santana, mais um amigo mencionado em *As louças de vovó...*, aqui presente com um texto recheado de suas belas, contundentes e apropriadas palavras sobre o museu há anos fechado em sua bela cidade Monte Santo-BA. Ivan, além de ser criador, diretor, autor, figurinista, produtor, cenógrafo e tudo o mais necessário à montagem de um espetáculo teatral, da *Companhia de Teatro Popular Noite de Reis*, formado por jovens montesantenses, não perde a oportunidade de registrar suas lembranças afetivas de uma cidade que não cabe em

seu museu, apenas em suas memórias de artista. Em seus registros feitos por meio de suas peças, pinturas, escrituras e outras artes, percebo que apesar de termos a mesma idade, sua infância no sertão baiano tem memórias as mesmas de minha mãe, com seus mais de 70 anos. Vejam aqui, mais uma vez, quanta coisa podemos ver por meio das nossas lembranças preservadas num museu, elas nos permitem fazer comparações, entre tempos e culturas, a fim de melhor enxergar o outro e a mim.

Façamos como fez Anderson Simplício, criador da fanpage *Belezas do Subúrbio*.



“Aqui, com uma câmera GoPro, Anderson se enquadra na moldura do pôr do sol, sua paisagem preferida”. Foto: Anderson Simplício/Belezas do Subúrbio.

Na fanpage **Belezas do Subúrbio**, Anderson Simplício posta fotografias de comidas, pessoas, lugares e cliques do pôr do sol na Baía de Todos os Santos(...). Até conhecer a região, onde mora hoje, ele só ouvia falar de violência por lá. Mas aí ele se enamorou de Taiane, uma suburbana que o levou à praia de Periperi, e caiu de amores. Por ela e pelo lugar. Olhos atentos, não demorou para Anderson levar esse amor para as redes sociais e criar a fanpage Belezas do Subúrbio (www.facebook.com/Belezasdosuburbio) (...). “Meu desejo é compartilhar o Subúrbio, mostrar o belo que existe aqui. Tenho a mania de ver beleza em tudo”, diz, apontando para a foto de uma flor nascida entre os trilhos do trem. Tanto amor atraiu mais de 75 mil seguidores, em um ano e meio. A cada postagem, milhares de curtidas e engajamentos. (...) Como trabalha de segunda a sexta na parte administrativa do Hospital São Rafael, Anderson dedica sábados e domingos a garimpar belezas entre caminhadas pelos trilhos que ligam Paripe à Calçada. Ele chega a fazer 400 imagens com seu celular para escolher 15 e postar pouco a pouco. É muito afetuoso nas legendas: “Melhor lanche da tarde: suco de acerola e pocazó lapiado na manteiga. Quem gosta?”; “Um paraíso particular entre Tubarão e São Tomé”; “Seja bem-vindo ao lado bom do Subúrbio de Salvador!”.

(Texto de Linda Bezerra (linda.bezerra@redebahia.com.br). Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/salvador/noticia/morador-de-periperi-atrai-mais-de-75-mil-seguidores-em-rede-social-com-belezas-do-suburbio/?cHash=053fa5628b5cc8c2517d2c9e6f792754>).

Página da Cartografia Afetiva Sociofamiliar Rizomática *Salvador, meu amor, Bahia*.

Por intermédio do *Belezas* ficamos sabendo da existência de outra das mais novas BASIs do Musgo:



o Castelo dos Sonhos Impossíveis

Galera Suburbana, esse era o lindo "CASTELO DOS SONHOS" DE PERIPERI. Foi um sonho do professor Ailton Santana há mais de 20 anos, e hoje a sua obra está abandonada. Por muito tempo esse "castelo" foi um belo ponto turístico do bairro, porém, o lugar não é mais um sonho como o que Seu Ailton sempre desejou. Precisamos compartilhar essa imagem para que a história do Subúrbio não acabe dessa maneira. Alguma coisa precisa ser feita nesse lugar de grande importância histórica para nós Suburbanos! Rua D. Pedro II, Na Urbis de Periperi. (Foto e comentário da postagem feita em 06 fev. 2017.

Disponível em: https://www.facebook.com/?sttype=lo&ilou=AfcRucs00Mcia7h1_r07HvnQkG-S4Bf8Q3_VejQx8_EalUi5nW8m266wdLj1eaqdtkKFekKwq7F1JrpMQaBRa8u5nA4JeDrbCNrRjIH_jnlfZQ&smuh=56419&lh=Ac8Rc3NZGhScMXCP.

Façamos como fizeram as pessoas que criaram o Museu da Laje, também em Salvador:



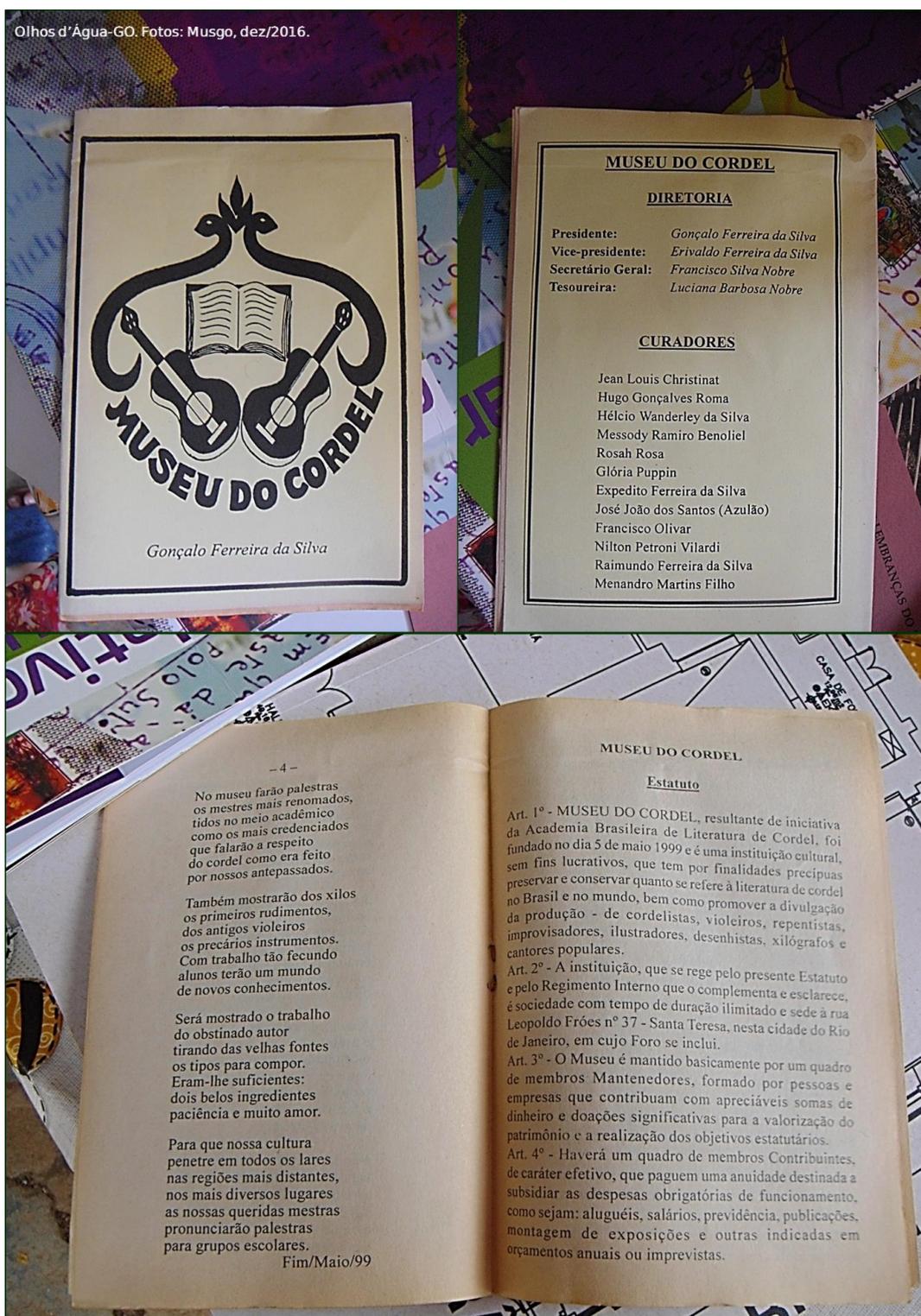
Foto: Alfredo Mascarenhas.

o **Acervo da Laje**, localizado no bairro de São João do Cabrito/Plataforma, é uma iniciativa do mestre em psicologia, pedagogo e pesquisador cultural, José Eduardo, que reúne uma extensa biblioteca e várias peças criadas por artistas do Subúrbio Ferroviário de Salvador. São pinturas, imagens, esculturas feitas com palha, cerâmica, brinquedos, objetos e livros raros que estão disponíveis, exatamente, na laje de uma casa. Para visitar o espaço é necessário um agendamento prévio através do telefone 3401-1244 (falar com José Eduardo) ou por e-mail ferreirasantosenator@gmail.com. A visita pode ser feita em grupo (de amigos, escola ou grupos culturais) ou individualmente, de segunda a sexta-feira, conforme for combinado previamente com José Eduardo.

Sobre o Acervo: O mapeamento da produção cultural em territórios do Subúrbio foi iniciado por José Eduardo, ao lado do fotógrafo Marco Iluminatti, em 2010. O pesquisador conta que rapidamente foi formada uma imensa rede de entrevistas e fotografias e que foi um “espanto” perceber que tanta cultura, iniciativa, obras e artistas tenham sido esquecidos por habitarem aquele torrão de história. Eduardo defende que o Acervo da Laje tem como proposta social a reconstrução do mosaico simbólico da periferia de Salvador, restituindo dignidade, cultura, acesso às obras de arte e à beleza.

Disponível em: <http://cipo.org.br/agendaculturaldosuburbio/acervo-da-laje/>.

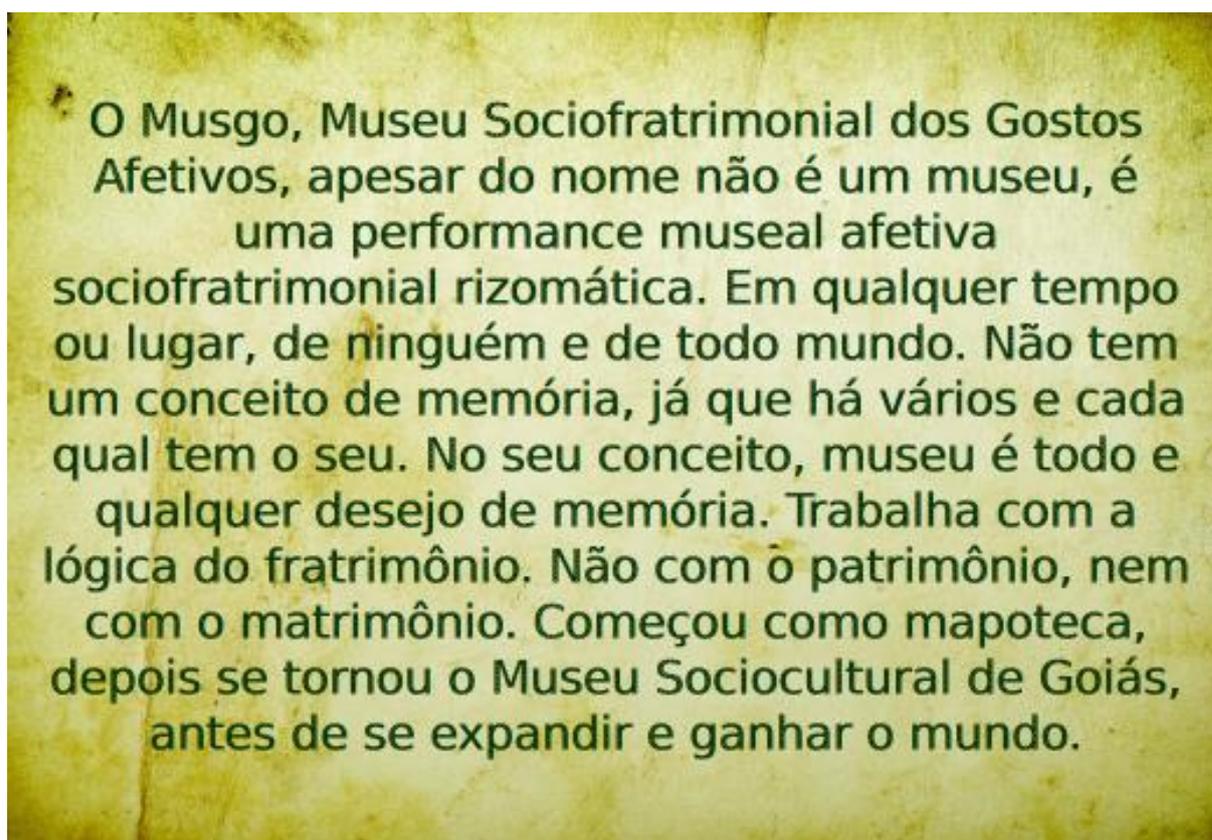
Como também fizeram @s criador@s do Museu do Cordel, que conheci em Olhos d'Água:



Páginas da Cartografia Afetiva Sociofratrimonial Rizomática das Musas ao Musgo: matrimônio, patrimônio, fratrimônio, afeto, rizoma.

Por que não fazemos o mesmo que essas pessoas, museólogas e não-museólogas, mencionadas? Se há alguma história considerada controversa, se há alguma memória tornada indizível nos espaços museais e não concordamos com isso, usemos nossas técnicas para nos indignar, para dizermos não! Pra fazermos valer a função social dos museus e das performances museais, espaços onde escolhemos atuar. E ao mesmo tempo, pra cumprirmos uma das competências estabelecidas em nosso Código de Ética Profissional: “Desenvolver atividades comunitárias relativas ao exercício profissional.” (Disponível em: <http://cofem.org.br/legislacao/codigo-de-etica/>. Acesso em: 24 abr. 2017). Se não o fizermos, são grandes as chances de essas e nossas histórias continuarem a ser as eleitas como controvérsias indizíveis nos museus e demais espaços museais.

O Musgo é a forma que encontrei para tentar dizer coisas indizíveis, não ditas e interditas em grande parte desses espaços. Nele, nas suas cartografias, e nesses escritos vou deixando pistas.



Página da Cartografia Afetiva Sociofratrimonial Rizomática *das Musas ao Musgo: matrimônio, patrimônio, fratrimônio, afeto, rizoma.*

Nele ou aqui, quando escrevo meio atravessado, numa prosódia por alguns considerada errada, usando músicas, poesias, ditos populares, imagens e

informações da internet, não é para ser moderninha ou engraçadinha. Faço isso pra dizer que há memória fora das tradições museais e da Academia. Tudo o que uso, são os pedaços de pão da história de João e Maria, as pistas que vou deixando, de jeitos de falar, de fontes alternativas, de linguagens contemporâneas e de fácil acesso que estão aí para a gente usar, que são uma forma mais direta de nos comunicar, que também são fontes de memórias para nossos trabalhos de as registrar. Lembremo-nos das fichas de documentação dos objetos museais, nas quais é desejável que haja um campo para a documentação paralela ou de apoio, espaço para indicamos fontes consideradas “não convencionais” relacionadas às peças em questão.

Quando eu falo e, à primeira vista, dá a pensar que estou falando sobre mim, minha avó Bibi, meu bisavô Vicente e outros afetos meus, sobre “minha mãe, meu pai, meu povo”²¹, o que estou no fundo a dizer é: “museólogas e museólogos de todo o mundo, uni-vos!”²². Botem a cara no sol, manas e manos! Façamos dos nossos corpos museais corpos sem órgãos (ARTAUD, 1987)! Máquinas de guerra, maquinações de amor, a favor das memórias caladas e interditadas. A favor da cura, do engrandecimento da baixa autoestima daquelas e daqueles que não se reconhecem nos museus, de nós mesmas que não nos reconhecemos nos museus onde trabalhamos, que não encontramos trabalho nesses museus. Façamos dos nossos corpos os porta-vozes das controvérsias, do indizível, do não-dito e dos interditos nos museus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1987.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador*. Brasília: Verano, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999. Vols. I, II e III.

²¹ Referência à primeira frase da música *Tudo de Novo*, de Caetano Veloso, gravada no CD *Maria Bethânia e Caetano Veloso ao vivo*, 2011-2006.

²² Referência à famosa frase “Proletários de todo o mundo, uni-vos”, do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels.

BULHÕES, Girlene Chagas. *As louças de vovó, o prato do garimpeiro, a altura dos olhos e nuvens; abelhas, formigas, seleção e seletividade; patrimônio, fratrimônio, a casa da princesa do seu tição e o museu do djhair; a cabeça da medusa, árvores, rizomas, afetos, afetividades e bem viver; coleções, acervos, musgo e outras performances museais*. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 1-54, dez. 2016.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA ITAÚ CULTURAL. *Hélio Oiticica: MUSEU É O MUNDO*. SÃO PAULO: ÍTAÚ CULTURAL, 2010.

CHAGAS, Mario; STORINO, Claudia. *Museu, Patrimônio e Cidade: camadas de sentido em Paraty*. Cadernos de Sociomuseologia - 3-2014 (vol 47). p. 71-90.

COLLI, Giorgio. *La sapienza greca*. Milão, Adelphi, 1977, vol. I, p. 43-45, 292-319, 425-430.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997. Coleção TRANS.

DELEUZE, Gilles; Félix, GUATTARI. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. - Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, G. *La Imagen Mariposa*. Tradução de Juan José Lahuerta. Barcelona: Mudito& Co., 2007.

ESPINOSA, Baruch. *Tratado Político*, GUINSBURG, J. (org.). São Paulo: Perspectiva, 2014. vol. 1.

HOMERO. *Às Musas, Hino Homérico, 25*. Disponível em: <https://acropolepoetica.wordpress.com/2012/05/04/as-musas/>. Acesso em: 20 abr. 2017.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da língua portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss, Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2007, 2ª impressão com alterações.

LARIÚ, Nivaldo. *Dicionário de Baianês*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2012.

ORTIZ-OSÉS, Andrés. Et alli. *Diccionario de la existencia. Asuntos relevantes para la vida humana*. Espanha: Anthropos, 2006.

STECK, Juliana. *Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade>. Acesso em: 20 abr. 2017.

WIEHE, 2016. Disponível em: <http://iepp.com.br/fratria-fraterno-e-fraternidade/>. Acesso em: 05 mar. 2016

ZENUM, Máira. *ballet das águas rosas*. In: *METAgaphias: letra B de Belo (sobre belezuras baphônicas)*: Universidade de Brasília, v.1 n.3 setembro|2016, p. 99-117. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/issue/view/1292/showToc>. Acesso em: 30 abr. 2017.